

A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO

Jackelline Freire da Costa ¹

RESUMO

O contexto do ensino remoto configurou-se enquanto uma solução alternativa no cenário educacional em razão da pandemia do Covid-19, levando os professores a reinventarem-se e principalmente superarem os novos desafios tecnológicos e as demandas exaustivas de trabalho. O estágio nestas condições também se constituiu desafiador. Diante do exposto este artigo tem como objetivo analisar as contribuições do Estágio Supervisionado em Educação Infantil para a formação docente. A metodologia consistiu de pesquisa participante com abordagem qualitativa. O procedimento utilizado para a coleta de dados foi o estudo de campo, através da observação participante, utilizando um diário de campo. As atividades foram desenvolvidas em um Centro de Referência em Educação Infantil do interior paraibano. O referencial teórico utilizado pautou-se nos pressupostos de Libâneo (1994;2004) tecendo reflexões acerca do planejamento e da formação do professor, Galvão; Saviani (2021) a respeito do ensino remoto, Passerini (2007) com contribuições do papel do estágio enquanto locus de formação, entre outros. Os resultados obtidos revelam que as experiências de observação e regência constituem-se como elementos primordiais à formação docente, levantando uma infinidade de possibilidades e desafios que são próprios do campo de trabalho docente.

Palavras-chave: Estágio, Educação Infantil, Formação docente, Ensino Remoto.

INTRODUÇÃO

A docência se constitui ao longo das vivências e ações compartilhadas entre professores ao longo de sua trajetória formativa e profissional, mas engana-se aqueles que pensam que a formação acontece apenas nos bancos da graduação ou em cursos de aperfeiçoamento, conforme Libâneo (2004) a sala de aula é um campo de pesquisa infinito, produtor de saberes que exigem uma postura reflexiva do professor para compreender seus arranjos. Por outro lado, os professores se formam diante dos desafios que surgem em seu cotidiano e o ensino remoto no contexto da pandemia é um grande exemplo do quanto os professores tiveram que reinventar a sua prática.

Com base nesses aspectos, o Estágio Supervisionado constitui-se um importante requisito na formação inicial, pois, segundo Passerini (2007) o graduando adota o campo de atuação como objeto de estudo e reflexão, revelando elementos da docência conhecidos até

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, jackellinefr@gmail.com;

então, apenas através da teoria, que podem ser comprovados, transformados e selecionados para uma futura prática docente.

Deste modo, o presente artigo tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado I em um Centro de Referência em Educação Infantil- CREI, numa turma de berçário, no período de março a maio de 2021, realizado de forma remota em razão do contexto da pandemia, a parte prática constituiu-se de três observações e duas regências, totalizando 105 horas, enquanto lócus para a formação docente inicial.

A metodologia consistiu de pesquisa participante com abordagem qualitativa. O procedimento utilizado para a coleta de dados foi o estudo de campo, através da observação participante, utilizando um diário de campo.

Desse modo, embora o estágio esteja longe de formar um professor, vislumbra um momento para que o aluno graduando possa vivenciar a sala de aula e suas singularidades, pois as nuances educativas são múltiplas e infinitas. O contexto de ensino remoto no qual o estágio foi realizado permitiu uma breve noção dos desafios e possibilidades que perpassam a docência

METODOLOGIA

Este trabalho teve como enfoque a pesquisa participante, por dialogar com a proposta do Estágio Supervisionado, referente as atividades de observação e regência, enquanto lócus de troca de saberes, de acordo com Gil (2008) esse tipo leva em conta as aspirações e potencialidades de conhecer e agir, incentivando o desenvolvimento autônomo.

Quanto ao procedimento de coleta foi realizado um estudo de campo, no qual “[...] estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação” (GIL, 2008, p. 57). Por acreditarmos trazer mais informações e medidas de solução ao pesquisador e pesquisado.

A técnica escolhida para atender aos objetivos foi a observação participante que conforme compreendemos,

[...] se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos [...] podemos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas [...] (MINAYO, 1994, p.59).

Utilizando como instrumento os registros do diário de campo. Diante desta ótica, foi realizada a observação das aulas gravadas e postadas no grupo da turma no WhatsApp, no

qual buscou-se a intervenção através de práticas lúdicas. Para análise dos dados foi utilizada a abordagem qualitativa, lançado-os à luz dos teóricos do campo de estágio, metodologias de ensino-aprendizagem e avaliação, tecendo assim as reflexões pertinentes.

A pesquisa foi realizada em um município do interior paraibano, na rede pública municipal em um Centro de Referência em Educação Infantil, numa turma de Berçário, com total de 18 alunos e idade entre 1 a 2 anos, durante três meses, em cumprimento à carga horária do Estágio Supervisionado I em Educação Infantil.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

O estágio supervisionado proporciona refletir e desenvolver o espírito de professor para futuras práticas pedagógicas, é o momento de perceber se é a área que o licenciando deseja seguir, pois proporciona aspectos do ensino e aprendizagem de forma mais perceptível, até então o graduando só tinha o olhar teórico e a partir do momento que ingressa na sala de aula emerge outra visão distinta.

Mas a formação do professor inicia antes mesmo de adentrar na condição de docente no chão da escola, nos momentos de reflexões entre os pares, mais além ainda desse contexto, inicia com o ingresso dos próprios estudantes nos bancos da escola,

O processo de formação do professor é contínuo, inicia-se antes mesmo do curso de graduação, nas interações com os atores que fizeram e fazem parte de sua formação. E este processo sofre influência dos acontecimentos históricos, políticos, culturais, possibilitando novos modos de pensar e diferentes maneiras de agir perante a realidade que o professor está inserido (PASSERINI, 2007, p.18).

Na graduação continuamos selecionando aquelas práticas pedagógicas que desejamos integrar à nossa identidade profissional. E como ressalta Freire (1991) “a gente se faz educador”. E nesse fazer é preciso assumir-se, adotar posturas que direcionem a prática pedagógica com êxito.

A formação docente é contínua, pois o conhecimento atualiza-se constantemente e os perfis dos alunos também mudam. Diante deste aspecto, a sala de aula torna-se um vasto campo de pesquisa e conhecimento,

[...] é no exercício do trabalho que, de fato, o professor produz sua profissionalidade. Esta é hoje a idéia-chave do conceito de formação continuada. Colocar a escola como local de aprendizagem da profissão de professor significa entender que é na escola que o professor desenvolve saberes e as competências do ensinar, mediante um processo ao mesmo tempo individual e coletivo (LIBÂNEO, 2004, p.34).

Muitos professores recusam mergulhar nesse emaranhado de informações, porque consideram ser um cenário sem importância, quando na verdade eles próprios tem grande potencialidade para tornar-se grandes protagonistas de sua própria carreira docente, fazendo com o que o processo de ensino e aprendizagem se torne significativo, compreendendo suas dificuldades e tentando resolvê-las, buscando fazer uso de estratégias que facilitem as ações de apropriação do conhecimento.

Todo professor precisa ser curioso para o conhecimento, mas dominar técnicas e teorias, ou apenas ter o que muitos chamam de vocação e que afirmam ser a única condição necessária para assumir uma sala de aula não é o suficiente. É necessário unir teoria e prática, mas não devem ser processos isolados, deve haver um olhar voltado sobre suas salas de aulas.

Na maioria das vezes o aluno estagiário adentra no universo escolar bloqueado para o novo, porque já carrega uma visão cristalizada desses processos, quem vai com o pensamento de que a instituição de ensino nada tem a contribuir na formação está anulando a oportunidade de aprender,

O Estágio Supervisionado poderá ser um agente contribuidor na formação do professor, caracterizando-se como objeto de estudo e reflexão. Ao estagiar, o futuro professor passa a enxergar a educação com outro olhar, procurando entender a realidade da escola e o comportamento dos alunos, dos professores e dos profissionais que a compõem (JANUÁRIO, 2008, p.3).

O aluno acaba esquecendo que pode intervir na realidade e contribuir com algo produtivo, todos têm algo a ensinar. Nesse sentido, o lócus de estágio se torna um campo de pesquisa, formação e significados,

O Estágio Curricular Supervisionado [é] aquele em que o futuro profissional toma o campo de atuação como objeto de estudo, de investigação, de análise e de interpretação crítica, embasando-se no que é estudado nas disciplinas do curso (PASSERINI, 2007, p. 30)

Nas vivências de estágio é possível ver novas práticas e também aquelas que sobrevivem às barreiras do tempo. Há também muitas propostas interessantes sendo desenvolvidas no universo escolar. Mas, se as situações não são capazes de promoverem uma transformação pessoal e profissional, tornam-se sem sentido e ficam perdidas as experiências.

Há ainda um outro pensamento que circula no universo acadêmico de que o estágio supervisionado é apenas mais uma exigência do curso e muitos o realizam sem responsabilidade, “o aluno-estagiário não cumpre simplesmente uma exigência do curso, mas contribui para uma aula diversificada, além de, posteriormente, olhar para as suas experiências e delas constituir sua identidade” (JANUÁRIO, 2008, p.5).

Culpamos o sistema, mas não buscamos uma solução por parte de nós mesmos, e acabamos assim colaborando para a perpetuação do ciclo da educação defasada. Sabemos que o professor não atingirá a todos do mesmo modo, mas pelos menos alguém precisa ser atingido.

O professor precisa refletir antes, durante e depois de sua prática pedagógica, apostar em novas metodologias de ensino. Mas também é necessário ter um aporte teórico para que não fique no senso comum, só cabe a nós mesmos buscar a transformação, assim,

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (NÓVOA, 1991, p.13).

A formação é um processo flexível e só tem significado quando o sujeito constrói sob os aspectos que para si são importantes, é algo pessoal, porque também depende das experiências que constituíram sua trajetória.

O estagiário tem muito a contribuir porque em algum momento ensinará algo novo ao professor daquela turma, na qual aplicará a regência, que talvez ele ainda não conheça e os alunos gostam dessas novas experiências, então ambos têm a ganhar, professor, crianças e o estagiário.

Deste modo, destacamos que os processos de interação acontecem de forma mais significativa na Educação Infantil, “dessa forma, o futuro docente precisa se aplicar atentamente nas suas primeiras vivências de estágio nas escolas de educação infantil, captando os interesses e curiosidades das crianças” (KLEIN, TITSKI; MOREIRA, 2010, p.3). As crianças não vão se interessar pelas mesmas coisas de modo igual e é preciso desenvolver as potencialidades de cada uma, buscando sempre que possível responder aos seus questionamentos, porque a todo momento estão fazendo pesquisa sobre as coisas à sua volta e resgatar a cultura da criança para a sala de aula também é de extrema importância.

Ao adentrar na sala de aula, o aluno estagiário não deve manter a ação de julgamento no sentido negativo, mas observar o comportamento de cada criança e buscar compreendê-la em seu contexto particular, tentando engajar a todas no processo educativo da melhor forma possível. Por isso, a importância de envolver as crianças nas atividades através do aprender brincando, de fazer uso da ludicidade,

[...] a criança se expressa por meio do ato lúdico e é através desse ato que a infância carrega consigo as brincadeiras. Elas perpetuam e renovam a cultura infantil, desenvolvendo formas de convivência social. É pelo brincar e repetir a brincadeira

que a criança saboreia a vitória da aquisição de um novo fazer, incorporando-o a cada novo brincar (CRAIDY e KAERCHER, 2001, p. 103).

Conforme o docente reflete sobre sua prática pedagógica, compreende que não se trata apenas de brincar, mas que diante das situações lúdicas acontece a aprendizagem, deste modo, o professor gera conhecimento a partir da sua realidade, principalmente na educação infantil que exige saberes próprios e planejamento de ações bem elaboradas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o ano de 2020 o mundo vem sofrendo os impactos da pandemia do novo Coronavírus. E diante desse cenário a educação vem adquirindo danos irreparáveis. O ensino remoto foi adotado como uma alternativa emergencial desde o Ensino Superior à Educação Infantil, entretanto, muitas instituições não estavam preparadas para desenvolver suas atividades desta forma e principalmente os alunos,

Determinadas condições primárias precisariam ser preenchidas para colocar em prática o “ensino” remoto, tais como o acesso ao ambiente virtual propiciado por equipamentos adequados (e não apenas celulares); acesso à internet de qualidade; que todos estejam devidamente familiarizados com as tecnologias e, no caso de docentes, também preparados para o uso pedagógico de ferramentas virtuais (GALVÃO, SAVIANI, 2021, p.38).

O Estágio Supervisionado I foi desenvolvido em meio a esse cenário, a experiência de observação proporcionou enxergar o ensino remoto por outro olhar, compreendendo os percalços vivenciados no contexto da escola básica,

O objetivo do estágio de observação é que os alunos apreendam a realidade da sala de aula, no contexto da escola, examinando sobretudo o processo ensino-aprendizagem, e comparando com os conteúdos que já foram ministrados durante a formação docente (KLEIN, TITSKI; MOREIRA, 2010, p.5).

Através desse olhar, é possível visualizar muitos aspectos teóricos concretizando-se na prática e compreender que por maior que seja o desejo de ver todos os alunos desenvolvendo-se de modo igual, não será possível, porque cada um tem seu ritmo próprio e é preciso ser respeitado.

O grupo do WhatsApp da turma do Berçário, com faixa etária de 1 a 2 anos, tinha 14 alunos, deste total 3 não possuíam acesso à internet, muitos dependiam do uso dos aparelhos celulares de familiares que na maioria das vezes residiam distante de suas casas, pensando em sanar essa lacuna foram entregues atividades impressas, porém, algumas crianças mesmo com

auxílio ainda não conseguiam fazer atividades desta natureza. O feedback do grupo era de 6 ou 7 crianças assíduas.

Sendo difícil fazer um trabalho impecável, uma vez que nenhum material foi entregue a essas crianças, de que forma seria possível executar atividades apropriadas diante deste cenário se até mesmo materiais básicos elas não tinham em casa? O professor usava o verso da folha de atividades já realizadas para executar outras novas, constatamos muitas lacunas no ensino remoto. A realização das atividades muitas vezes era atrasada, seja por motivos de internet, tempo, ou ainda porque na concepção dos pais eram apenas brincadeiras.

Na maioria das vezes, percebia-se a falta de manejo dos pais na execução das atividades, mas eles não tinham culpa, não tiveram formação para ser professores, alguns não sabiam ler e escrever, como poderiam saber sobre aprendizagem infantil? Deste modo o ensino remoto propicia uma falsa ideia de aprendizagem satisfatória.

Na aula temática do dia da água (22 de março), o professor buscou promover às crianças a conscientização sobre este líquido tão importante para a sobrevivência humana, através do brincar, para que as crianças pudessem explorar a textura dos objetos em contato com a água. Alguns pais foram além, proporcionaram o brincar com a água através do banho de mangueira, gerando nas crianças uma nova forma de percepção, as crianças ficaram bastante empolgadas.

Um fato chamou atenção, quando a mãe de uma criança inseriu uma boneca de cor negra na bacia e perguntou a criança: “essa daí é o quê”. E a criança respondeu: “é pretinha”. O preconceito de acordo com Santos (2007) é introjetado na vida das crianças desde cedo pela família, a criança não nasce preconceituosa. E a escola tem um papel essencial para desconstruir esses estereótipos com as crianças.

No dia do índio foi entregue uma máscara impressa em papel ofício. O estereótipo do indígena como selvagem ainda é bastante perpetuado,

É um equívoco dizer que todos os índios vivem nas aldeias, enfeitados, pintados e que todos caçam para sobreviver. Representá-los dessa maneira é deixá-los estáticos, presos num tempo passado, deixando-se de fornecer elementos para se pensar a existência desses indivíduos como inseridos em sociedade que se transforma ao longo do tempo (DOMINGUES; SANTOS, 2017, p.263).

Diante de situações como esta, percebemos que a autonomia docente nem sempre prevalece, porque ocorre planejamento coletivo para trabalhar datas temáticas. Por outro lado, o professor tinha um olhar diferenciado para a aprendizagem através do desenvolvimento sensorio-motor, buscando sempre propor atividades nas quais as crianças construíssem,

experimentassem as texturas e objetos, trabalhando com a concentração, através de colagem, imagens e contação de histórias.

Entretanto, sabemos que aprender de forma lúdica promove uma aprendizagem significativa. Mas, na maioria das vezes os pais realizavam as atividades impressas antes do professor orientar, há uma linha tênue entre ser capaz de fazer uma atividade e adquirir a aprendizagem.

Para qualquer atividade que seja nunca estaremos prontos. Assumir uma sala de aula por algum momento gera um sentimento de incapacidade, observar e apontar as falhas de outrem é bastante fácil quando não somos nós os protagonistas, na regência,

O estagiário assume a classe por uma aula, no lugar do professor. Essa atividade requer a elaboração antecipada de plano de aula, seleção e preparação de material didático, apresentados ao professor da sala e ao supervisor de estágio (JANUÁRIO, 2008, p.06).

O planejamento é de extrema importância para orientar o processo didático, mas também é preciso reconhecer que o mesmo precisa ser flexível, verificando se o objetivo pretendido foi alcançado. E a regência proporciona um pouco dessa experiência, havendo ainda o fator do formato de aulas remotas.

Sendo assim, na primeira regência, pensando na possibilidade de algo que pudesse ser construído pelas próprias crianças ou através da sua participação ativa com a ajuda dos pais, propus a criação de uma garrafa sensorial, preparei um vídeo ensinando e uma folha de ofício contendo os materiais necessários, que tivessem em casa, e as instruções para a realização. Solicitei que as crianças pudessem visualizar o processo e participassem de forma ativa, permitindo que explorassem primeiro o material através do manuseio, apresentando um a um e dizendo seu nome e tomando os cuidados necessários para evitar ingestão e acidentes. Em seguida os pais incentivaram a brincadeira com a garrafa, destacando alguns aspectos, a exemplo das texturas, movimentos, formas, cores, peso e sons produzidos pelo objeto sensorial.

Alguns pais gravaram vídeo e ficou bastante nítida a concentração das crianças na confecção, a descoberta do novo, dos efeitos dos materiais quando se misturaram a partir dos movimentos realizados por elas, a percepção visual desenvolvida com a observação de cada etapa. As percepções sensoriais têm um papel muito importante no desenvolvimento cognitivo das crianças,

[...] Montessori propõe algo de novo para sua época, mas que se mantém inovador ainda hoje que constitui o método ativo para a preparação racional dos indivíduos à sensações e percepções. É a educação baseada no desenvolvimento dos sentidos, que

guarda importante valor pedagógico e científico, já que o desenvolvimento dos sentidos precede o das atividades superiores intelectuais, segundo seus créditos (ANGOTTI, 2007, p.105).

Explorando as sensações e texturas amplia-se o potencial criativo. As garrafas sensoriais também podem ser temáticas e contemplar diversos contextos, desenvolvendo assim a imaginação das crianças. Aumenta a capacidade de observação e curiosidade. Mas também contribui para desenvolver-se fisicamente.

A segunda aula da regência aconteceu na semana comemorativa do dia das mães e para abordar a temática foi feita uma contação de história com o poema “Se as coisas fossem mãe” de Sylvia Orthof. Uma história em homenagem a todas as mães e também a todas aquelas pessoas que de alguma forma cumpriam o papel de mãe.

Para ambientalizar o momento cantei, falei que era uma história mágica. Pedi que sentassem em um lugar confortável, chamassem a mamãe ou quem estivesse em casa para ouvirmos juntos o poema. Peguei uma varinha mágica e simbolizei a porção mágica com água. Todos esses aspectos ressaltados fazem parte de uma espécie de ritual que compõe a contação de histórias na educação infantil, o mundo da fantasia,

Ah, é bom saber começar o momento da contação, talvez do melhor jeito que as histórias sempre começaram, através da senha mágica “Era uma vez...”, ou qualquer outra forma que agrade ao contador e aos ouvintes... Ah, e segurar o escudador desde o início, pois se ele se desinteressa de cara, não vai ser na metade ou quase no finalzinho que vai mergulhar... Ah, não precisa ter pressa em acabar, ao contrário, ir curtindo o ritmo e tempo que cada narrativa pede e até exige... E é bom saber dizer que a história acabou de um jeito especial: “Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra...” Ou com outro refrão que faça parte do jogo cúmplice entre a criança e o narrador... (ABRAMOVICH, 2001, p.21-22).

Ao término de cada estrofe do poema era inserido um guardanapo com as respectivas figuras dos elementos mencionados no poema de vidro com água, fazendo aparecer as imagens do verso que estavam ocultas.

Para encerrar a história cantei dizendo que a história havia chegado ao fim e pedi que as crianças abraçassem a pessoa mais importante da vida delas.

Ao contar uma história deve-se levar em consideração os elementos que fazem parte da vida da criança. A prática da leitura através do olhar da criança e a contação pelo adulto amplia o vocabulário, a socialização, a aquisição de hábitos e valores, a criança aprende a interpretar, ser crítica e reflexiva, também é muito importante o clímax criado para o desenrolar da história.

Em relação a proposta de atividade, pedi que os responsáveis desenhassem a mão das crianças e fizessem um caule com folhas, simbolizando assim uma rosa e depois colorissem

com qualquer material que tivessem em casa. Por fim, pedi que os responsáveis compartilhassem os registros da construção.

Pensando na construção do desenho da flor com auxílio dos responsáveis e colorida pelas crianças, foi pensado que estas pudessem trabalhar a coordenação motora fina, através da perspectiva olho-mão, pois seu desenvolvimento é extremamente essencial para a aquisição de habilidades básicas da vida adulta, a exemplo de amarrar um cadarço, recortar com tesoura e etc,

Como habilidades motoras finas identificamos aquelas que requerem muita precisão, envolvem principalmente os membros superiores, em específico as mãos. Um grande número de músculos, relativamente pequenos, são ativados na execução destas habilidades (BUENO, 2006, p.181).

Portanto, apesar de todos os entraves que se apresentaram no decorrer das atividades de estágio, as experiências adquiridas com as vivências de observação e regência contribuíram de modo significativo, a compreensão em relação a diferença do nível de desenvolvimento de cada um, o interesse e a concentração na realização das propostas foram marcas bastante acentuadas, fazendo refletir sobre as singularidades dos sujeitos e sobre as práticas educativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação docente acontece em diversos contextos, mas é no chão da escola que a identidade profissional se constitui, na ação - reflexão –ação sobre a sua prática pedagógica diante do processo educativo, a qual seja capaz de transformar a realidade sobre a qual incide. A docência é uma escolha, de buscar ser melhor a cada dia.

Diante deste contexto o estágio se configura como um momento de investigação e que requer planejamento para observar e aplicar a regência, sendo uma oportunidade de compreender quais aspectos não estão sendo satisfatórios, a interação dos profissionais e de contribuir de alguma forma com a intervenção na realidade. Mas sabemos que as vivências são apenas uma fresta de luz na janela

O estágio está longe de formar um professor, é apenas um momento para que o aluno graduando tenha uma breve noção do que é a sala de aula. As nuances educativas são múltiplas e infinitas, mas é uma experiência primordial para a construção docente, através do estágio muitas certezas que tínhamos sobre a sala de aula e processos de ensino e aprendizagem são desconstruídas, mas também muitos aspectos teóricos são comprovados.

Portanto, compreendemos que a profissão docente é uma constante, principalmente pelas condições nas quais este estágio foi desenvolvido, o ensino remoto corroborou com diversos desafios seja pela exaustão de trabalho ou pela falta das condições necessárias para seu desenvolvimento, principalmente pelo ato de reinventar -se, a educação é isto, assumir o desconhecido.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Frannf. **Literatura Infantil**: Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2001.

ANGOTTI, Maristela. Maria Montessori: uma mulher que ousou viver transgressões. In: **Pedagogia (s) da infância**: dialogando com o passado, construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007. p 95-113.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BUENO, Flavia Cristina Rodrigues *et al.* **Desenvolvendo a coordenação motora no ensino fundamental**. São Paulo: 2013. Disponível em: <https://www.unesp.br/prograd/PDFNE2003/Desenvolvendo%20a%20coordenacao%20motora.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

CRAIDY, Carmem Maria. KAERCHER, Gládis Elise Pereira. Educação Infantil: pra que te quero?. In: **O Desenvolvimento Infantil na Perspectiva Sociointeracionista**: Piaget, Vygotsky, Wallon. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DOMINGUES, Ana Carla Bérغامo Gomes; SANTOS, Maria Aparecida Lima dos. Representações visuais dos indígenas no livro didático de história: estereótipos e colonialidade. **Educação Básica Revista**, Sorocaba: vol.3, n.2, p, 254-272, 2017. Disponível em: <http://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/REB/article/view/320/548>. Acesso em: 09 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 16ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GALVÃO, Ana Carolina; SAVIANI, Dermeval. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e sociedade**, Brasília, n. 67, p.36-49. 2021. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf. Acesso em: 09 jul. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JANUÁRIO, Gilberto. O estágio supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor. **Educadores dia a dia**, Paraná. 2008. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/MATEMATICA/Artigo_Gilberto_06.pdf. Acesso em: 09 jul. 2021.

KLEIN, Rejane; MOREIRA, Joelma da Silva; TITSKI, Crislaine de Camargo. O estágio na educação infantil e a formação do professor. **Educação e prática pedagógica**, Irati, jun. 2010. Disponível em: https://anais.unicentro.br/seped/2010/pdf/resumo_149.pdf. Acesso em: 09 jul. 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola**: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: (Org.) **Os Professores e a sua Formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

PASSERINI, Gislaine Alexandre. **O estágio supervisionado na formação inicial de professores de matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura em matemática da UEL**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, p.121. 2007.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática? 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, Ângela Maria. **Vozes e silêncio do Cotidiano escolar**: as relações raciais entre alunos negros e não-negros. Cuiabá: EdUFMT. 2007.